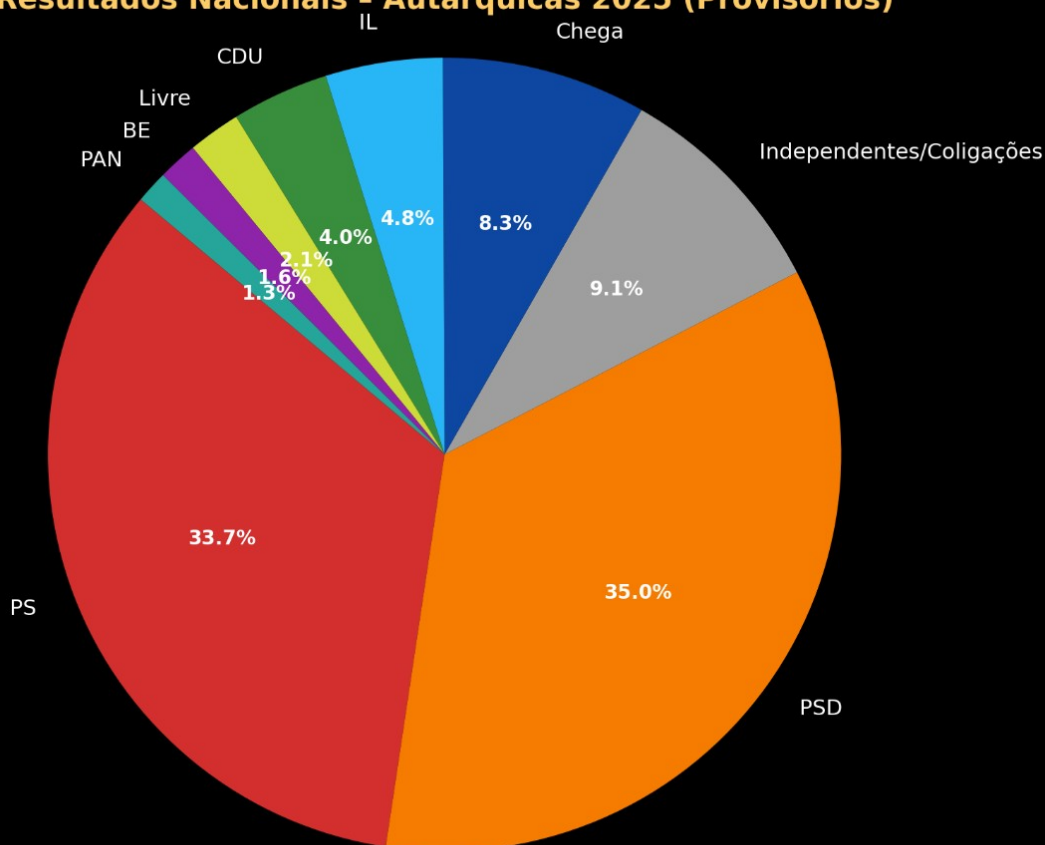


Tudo Como Dantes, Quartel-General em Abrantes

Publicado em 2025-10-12 21:30:42

Resultados Nacionais - Autárquicas 2025 (Provisórios)



Por Francisco Gonçalves

Portugal voltou às urnas, e as televisões, com o fervor das vésperas de uma revolução que nunca chega, anunciaram o que já todos sabíamos: **nada mudou**. O país desperta da noite eleitoral para o mesmo amanhecer cinzento de há cinquenta e um anos. O mesmo enredo, os mesmos rostos, as mesmas promessas com cheiro a mofo político.

O **PS** e o **PSD** continuam a dividir o poder como dois velhos generais que nunca perceberam que o país deixou de ser quartel e passou a ser campo de refugiados económicos. Revezam-se com a solenidade de um ritual arcaico, como se alternar o verdugo fosse o mesmo que libertar o condenado. E o povo, exausto e domesticado, aplaude — como se a obediência fosse virtude e não derrota.

Os portugueses tornaram-se espectadores da sua própria decadência. Entre cafés, slogans e debates televisivos, repetem a velha ladainha: “são todos iguais”. Mas na hora de votar, escolhem os mesmos — como quem volta a um vício que o mata, mas ao menos é familiar.

O país que se gaba de ser de poetas e navegadores vive agora de burocratas e contadores de votos. Perdemos o mar e a coragem, trocámos a utopia pela esmola europeia e a indignação pelo silêncio. E enquanto o mundo avança a ritmo quântico, Portugal continua a marchar ao som da mesma fanfarra da mediocridade.

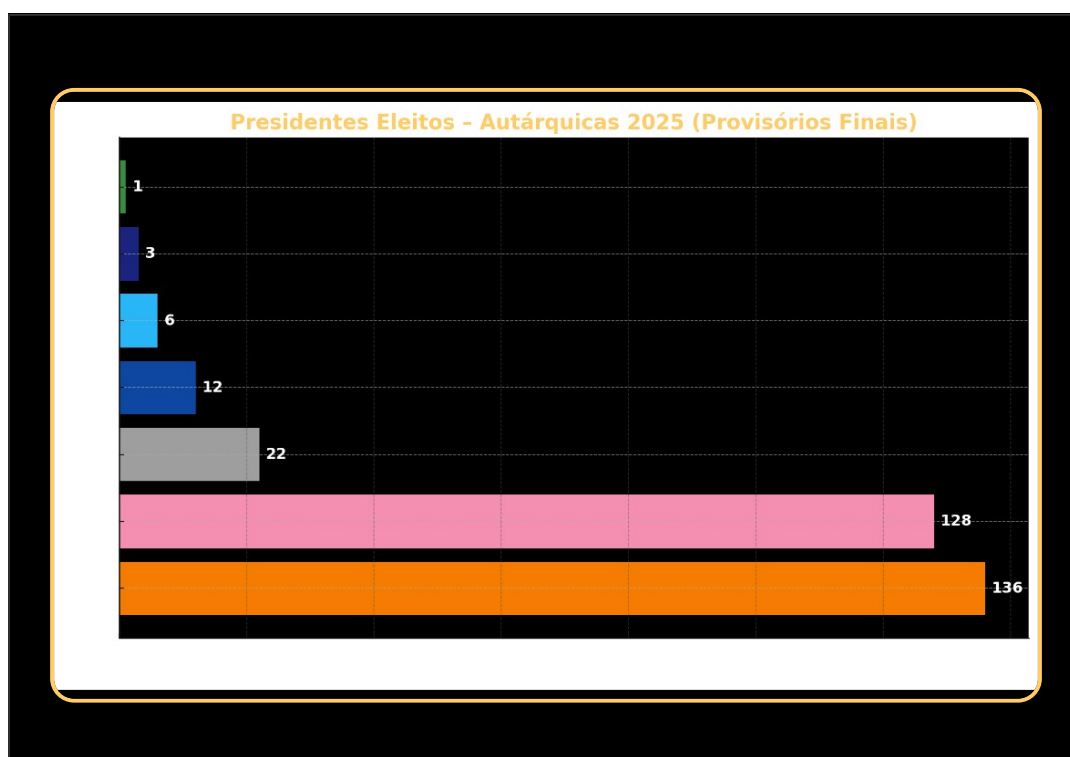


Figura: o feudalismo moderno das autarquias — poder local, compadrio e impunidade.

É trágico porque não é apenas política, ou a "democracia a funcionar", como tanto os políticos gostam de justificar — **é moral e cultural**. O país continua prisioneiro dos caciques locais, dos conluíus invisíveis e dos negócios que se disfarçam de obras públicas. Cada autarquia é um pequeno feudo, e o poder local tornou-se um teatro em que os actores mudam de camisa, mas o guião é sempre o mesmo: favores, contratos, e silêncio.

Mais de metade da corrupção nasce aí — não nos gabinetes dourados de Lisboa, mas nas pequenas mesas das câmaras e juntas, onde se decidem licenças, ajustes directos e empregos "para os da casa". E quando os mesmos voltam a ganhar, ano após ano, não é apenas o poder que se perpetua — **é o hábito da impunidade**.

Portugal vive uma espécie de feudalismo moderno, onde o povo vota no senhorio que o explora, convencido de que pior seria mudar. Mas há um limite para a anestesia — um dia a dor económica, a pobreza e a humilhação vão ultrapassar o medo, e então, como dizes tantas vezes, a revolução virá não pela raiva, mas pela lucidez.

Resumindo - "Tudo como dantes, quartel-general em Abrantes" — nunca uma expressão foi tão perfeita. Há meio século que mudam os uniformes, mas o comando é o mesmo. A corrupção é institucional, o compadrio é tradição, e a esperança... artigo de luxo.

Mas há sempre quem resista, quem não se cale, quem acredite que pensar é ainda o mais revolucionário dos actos. Porque o dia em que deixarmos de pensar, de exigir e de sonhar, será o verdadeiro funeral da liberdade.

E talvez — apenas talvez — quando a dor de permanecer iguais for maior do que o medo de mudar, este povo de brandos costumes se lembre que um país não se constrói com votos cegos, mas com **consciência desperta**.

"Quando um povo se acomoda desta forma, talvez mereça a situação em que se encontra."

© 2025 – Fragmentos do Caos

Fontes : Gráfico cortesia de OpenAI com base nos resultados disponíveis online.



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)

👁 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)